

MAIBI: A SERINGUEIRA MUTILADA DO INFERNO VERDE MAIBI: THE MUTILATE RUBBER TREE FROM GREEN HELL

Data de aceite: 14/04/2025 | Data de submissão: 28/02/2025

LUNIER, Luma Uchoa, Esp.

SEMED, Tefé-AM, Brasil, E-mail: lumalunier.tefe@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-5070-0262>

VELOZO, Rozângela, Esp.

SEMED, Tefé-AM, Brasil, E-mail: rozangelawsv@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-1580-5879>

RESUMO

Este estudo analisa as relações entre a literatura e a história em torno da obra *Inferno Verde*, contextualizando cenas e cenários do Amazonas. Assim, foram propostas algumas questões acerca do conto *Maibi* que retrata o ciclo da borracha durante os séculos XIX e XX. O método da pesquisa comporta uma análise sobre a exploração de homens e mulheres nos seringais da Amazônia. Dessa forma, a pesquisa faz menção às árvores seringueiras que foram mutiladas, que são representadas no conto pela metáfora *Maibi*, assim como o sofrimento dos seringueiros. O resultado deste trabalho destaca a linguagem do povo da floresta, bem como o cotidiano do inferno verde.

Palavras-chave: Literatura; História; Seringueiros; Violência.

ABSTRACT

*This study analyzes the relationships between literature and history surrounding the work *Inferno Verde*, contextualizing scenes and settings from the Amazon. Thus, some questions were raised about the short story *Maibi*, which portrays the rubber cycle during the 19th and 20th centuries. The research method involves an analysis of the exploitation of men and women in the rubber plantations of the Amazon. Thus, the research mentions the rubber trees that were mutilated, which are represented in the short story by the metaphor *Maibi*, as well as the suffering of the rubber tappers. The result of this work highlights the language of the people of the forest, as well as the daily life of the green hell.*

Keywords: Literature; History; Rubber tappers; Violence.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo analisa os modos de vida na Amazônia, no início do século XX, a partir da obra *Inferno Verde*, cenas e cenários do Amazonas, publicada em 1908, por Rangel (2001). O contexto histórico focaliza o ciclo da borracha, conhecendo e desvendando a vida dos seringueiros explorados pelos seringalistas.

A obra *Inferno Verde* é dividida em onze contos, porém estes podem ser lidos como um romance, nos quais o narrador, viajante, é onisciente e onipresente e ao longo de sua viagem, ele segue observando as cenas e os cenários que ele encontra pelo

caminho. Assim, o objetivo desta pesquisa foi identificar na obra literária *Inferno Verde*, a presença da cultura amazônica e suas riquezas e perigos.

De vários arquivos de ensaios, histórias, biografias e, de sua parada na Amazônia, nasceu a obra *Inferno Verde* de Rangel (2001), que teve grande repercussão na época, por utilizar um vocabulário essencialmente amazônico, muitas vezes excessivo e com luxo verbal.

O *Inferno Verde*, a começar pelo título, devia ser o que é; surpreendente, original, extravagante; feito para despertar a estranheza, o desqu coaster, e o antagonismo instintivo da crítica corrente, da crítica sem rebarbas, sem arestas rijas, lisa e acepilhada de ousadias a traduzir, no conceito vulgar da arte, os efeitos superiores da cultura humana (Cunha, 2001, p.25).

Cunha (2001) analisa a obra e enaltece a Amazônia de forma enigmática, descrevendo as belíssimas paisagens dos rios, florestas e praias se pronunciando, com seus ruídos alarmantes, mas ao mesmo tempo suaves que encantam sua pureza. Cunha (2001, p. 27) menciona que: “Realmente, a Amazônia é a última página, ainda a escrever-se, do Gênesis”.

O conto *Maibi* trata-se do objeto de análise por ser considerado fundamental para os estudos dos aspectos culturais da região amazônica, e que nos permite tratar de temas que, ainda hoje, permeiam o cenário amazônico. A realidade do seringal constituiu uma das várias formas que corroboram para a metáfora inferno verde, como por exemplo, a violência contra os seringueiros e contra as mulheres, conforme Reis (1997). Todavia, outra forma de sofrimento era o perigo dos mosquitos e demais insetos que contribuíam para o eterno suplício do seringueiro.

Desse modo, o texto analisa as imagens literárias que foram construídas no período da borracha, tanto sob os aspectos das classes menos beneficiadas quanto dos donos dos seringais. Nesse cenário, podem-se observar histórias de centenas de pessoas, que foram caladas por leis fomentadas que regiam o sistema de exploração dos seringais.

Em texto crítico que precede a obra, Krüger (2001), retrata o modo pelo qual Rangel desvenda o mundo amazônico revelando o valor de cada espaço geográfico, porém não é apenas o verde da floresta que é retratado na obra, mas os problemas econômicos e sociais dos personagens vividos na ficção que estabelecem várias descrições desumanas. Diante disso, esse autor descreve sobre a violência da predileção, que desvia o enfoque da exploração econômica que uns homens sofrem diante de outros. Assim, a trajetória de populares e a história das pessoas comuns, como os seringueiros, pessoas desconhecidas no discurso oficial, tornam-se interessantes, constituindo o foco da presente pesquisa.

2. ESPECIFICAÇÕES GERAIS

Na obra *Inferno Verde*, mais especificamente no conto *Maibi*, pode-se constatar uma abordagem histórica referente ao ciclo da borracha, período de ouro que contribuiu com várias riquezas para Amazônia e para o mundo, na qual somente os coronéis tinham vantagens. Krüger (2001) compreende essa indústria sacrificadora de forma aguçada e se depara no conto com uma violência sangrenta, tanto em relação ao sofrimento dos brancos Arigós, quanto da exploração das árvores seringueiras da Amazônia.

Em Manaus e Belém, cidades que tiveram uma vida agitada na época gloriosa dos coronéis da borracha, os donos absolutos controlavam os aventureiros que chegavam aos portos, mas tarde denominados de soldados da borracha. Esses eram encaminhados aos seringais nos barcos chamados de gaiolas para retirada do látex. E assim, os seringalistas quando voltavam para os centros urbanos usufruíam dos luxos da extração, como por exemplo, as festas e prostíbulos com mulheres de todas as espécies e várias nacionalidades bem vestidas e perfumadas. A ostentação comportava hábitos de jogar dinheiro nas mulheres, fumar com notas de dinheiro, vestir roupas de linho, usar joias, relógio de ouro e outras extravagâncias.

2.1. História, literatura e memória

As afinidades entre história, literatura e memória estão ligadas tanto no discurso da veracidade quanto do discurso ficcional. O entrelaçamento de campos de pesquisa, discute-se o significado das verdades absolutas e de como a literatura pode auxiliar no entendimento sobre a história e vice-versa.

A literatura pode, mediante a ficção, escrever outra versão dos fatos, dando voz ao discurso que foi silenciado pela dita história oficial. A história oficial ou documental registra a versão dos mais fortes, ou seja, aqueles que estão no exercício do poder, porém em certas narrativas ficcionais manifesta-se a história vista de baixo, relatos de indivíduos que passaram momentos aterrorizantes, como doenças, fomes e maus tratos, e não tiveram a oportunidade de contar a sua versão.

A história vista de baixo pode exercer uma função relevante no resgate do passado e na história de indivíduos simples, lembrando a igualdade cultural e lembrando de que a identidade que não foi erguida apenas por magnos políticos, reis e coronéis, mas ao mesmo tempo, e especialmente, por habitantes comuns nascidos em lugares humildes, os chamados proletariados, segundo Hobsbawm (1998) e Sharpe (1992). Por essas e outras razões, a literatura deve ser desvendada e contextualizada na história, pois espera-se de um leitor a atenção em edificar uma sociedade registrada na lembrança, dando respostas às investigações das dificuldades existentes no mundo em que pessoas comuns devem ser reconhecidas e merecedoras de um lugar de destaque, ainda que na ficção.

2.2. Breve histórico do ciclo da borracha

A Amazônia trata-se da personagem principal da obra *Inferno Verde*, que retrata as memórias sobre os desbravadores do período da expansão da borracha, comportando o período da década de 20 do século XIX até a sua decadência a partir de 1912.

Souza (1994) apresenta um breve histórico da Amazônia, com os seus estudos e a sua visão sobre a história da borracha. Para ele, os seringueiros vieram do Nordeste para escapar da fome, submetendo-se ao trabalho árduo com a forte pressão dos coronéis. Esses homens muitas vezes, quando chegavam aos seus barracos, ficavam doentes, picados por insetos e espetados por espinhos. Os seringueiros recebiam pouco dinheiro e quando a produção não era a desejada, o resultado era maus tratos e fome. Sendo que, a tentativa de fuga significava o fim de suas vidas.

O movimento de imigrantes de nordestinos cearenses expandiu durante os anos de 1941 a 1945, os quais eram seduzidos pela seringa, os Arigós eram deixados nos seringais para se virarem na alimentação e moradia. A casa do seringueiro era caracterizada por ser na forma de um barracão, também conhecidos de tapires. Esses trabalhadores foram abandonados na expectativa de passar a época das chuvas para o denominado sangramento das seringueiras. Todavia, o débito subia de forma que não conseguiam pagar, porém a perspectiva era ter condições de ter saldos. Benchimol (2009) estudou as relações do homem com a natureza ressaltando o seguinte sobre os nordestinos:

Os brabos eram entregues à própria sorte, condenados a sobreviver como pudessem nos centros, nas colocações e nos tapires. Ficavam amontoados e ociosos nos barracões do patrão, à espera inquieta do verão que não chegava para o início do fabrico, as dívidas crescendo, a maleita os dizimando, pouco a pouco se extinguindo a chama da esperança e a vontade da luta (Benchimol, 2009, p.168).

A cerca de vinte mil seringueiros morreram trabalhando nos seringais ao adentrarem no Inferno Verde, com histórias de pessoas que nunca mais conseguiram voltar para suas famílias, muitas vezes tendo suas histórias terminadas em tragédia em decorrência dos perigos da floresta.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho buscou o diálogo entre literatura e história como objeto de estudo, possibilitando diversas interpretações e análises dos temas de investigação. Para os historiadores, a literatura pode ser uma porta aberta para um vasto mundo de histórias fascinantes. Diante do exposto, foram analisados os textos literários amazônicos, observando sua contribuição histórica diante de possibilitar o resgate de conhecimentos do período da borracha e várias possibilidades de interpretação da realidade amazônica. Na organização deste trabalho foi utilizado como argumentação os textos de Souza (1994), Kruger (2001), Cunha (2001), Chalhoub e Miranda (1999) e Lima (2009).

Devido ao estudo realizado, percebeu-se a importância entre o texto histórico e o texto literário. As biografias e relatos de memórias das pessoas comuns devem ser reconhecidas pela história social, a partir da investigação do homem dominado no meio de uma sociedade, onde somente quem tem poder aquisitivo é conhecido. O estudo crítico de Krüger (2001) analisa os seringueiros como inferiores diante das dificuldades da floresta, pois os nordestinos foram considerados incapazes ou sem a possibilidade de alcançar seus objetivos, como foi retratado no conto Maibi.

Neste estudo também foram propostas entrevistas para a verificação de memórias retratadas de hábitos e costumes da comunidade amazônica no período da borracha. As entrevistas foram realizadas com as pessoas que viveram nos seringais, ou tem memórias familiares, que retratem o conhecimento sobre a realidade no seringal. Os contos e depoimentos desse contexto descreveram o sofrimento causado pelo homem ambicioso. Assim, apenas os seringalistas conheceram as riquezas, porém os seringueiros somente experimentaram os perigos das florestas.

4. MAIBI: A SERINGUEIRA MUTILADA

O narrador entra no Inferno Verde e se depara com cenas e cenários assombrosos da floresta, dos quais não medem as palavras e nem poupa adjetivos para mostrar uma visão assustadora em relação à fabulosa Amazônia que se torna a protagonista e ao mesmo tempo a antagonista dos seringueiros. A cada episódio observado, conforme diz o crítico Krüger (2001), a literatura aponta o fato relevante, do narrador-protagonista e da Amazônia, de certo modo sua antagonista, em personagens verossímeis. No desfecho da obra em seu último conto, Inferno Verde, Rangel (2001), sintetiza a metáfora que dá nome ao último conto e ao livro, postulando que a terra que simboliza desafio, sofrimento e tortura; na verdade, é uma terra prometida para homens com inteligência e recursos superiores aos que lá estavam naquele momento.

Nos onze contos da obra, o narrador percorre os rios amazônicos, mas com tantas cenas vistas tornou-se longo o caminho em poucos quilômetros, que pareciam não terminar, tudo começa entrando no rio Tapará para descrever as histórias das pessoas e descobrir culturas diversificadas numa linguagem forte e arrepiante. Os seringueiros são as verdadeiras vítimas dessa indústria sacrificadora que somente os destruiu fisicamente e mentalmente, segundo Krüger (2001).

Nas entrelinhas da narração, significa o episódio um reforço à ideia de que os nordestinos não poderão conquistar a Amazônia. Em Maibi, torna-se evidente que tais indivíduos, que podem ser brancos na pele, mas não no poder econômico, apenas sangrarão sem qualquer aproveitamento (Krüger, 2001, p. 20 e 21).

No conto Maibi, o autor surpreende o leitor com suas metáforas sinistras, como por exemplo, a violência contra a mulher, sendo massacrada pelo seringueiro, que faz a comparação com o sangramento das seringueiras amazônicas. Outra questão é o sangue que sai da mulher morta pelo seu marido, comparado ao leite que sai da árvore Seringueira.

Rangel (2001) narra a hiléia no aspecto social, dando ênfase ao espaço onde as ficções são representadas de forma monstruosa, num mundo de maus tratos, com os indivíduos que vieram em busca de condições melhores de vida, e se deparam com coronéis dispostos a explorá-los, com a intenção de enriquecer às custas desses seringueiros humildes, que se tornaram prisioneiros desse trabalho.

4.1. A realidade da extração da seringa no conto Maibi

A realidade da extração da seringa representada no conto Maibi foi retratada a partir das relações sociais, entre os seringueiros e seringalistas nesse período do auge da borracha. A profunda desigualdade entre as relações de trabalho torna-se o fator mais relevante nesse conto. As questões do estilo de vida do seringueiro são preocupantes em relação à sobrevivência, pois precisavam de mantimentos e moradia, sendo que seus costumes de nordestinos eram diferentes da vida na Amazônia, como por exemplo, tiveram que aprender a pescar, a remar as canoas que era o meio de transporte para chegarem a outros centros, povoados, comunidades, colocações ou seringais.

Outro elemento do conto que retrata a Amazônia era o perigo de animais ferozes ou fatais que propiciaram o padecimento dos seringueiros no cenário da floresta, os quais matavam ou deixavam sequelas nos seringueiros doentes. A mordida de cobras e as flechadas de índios determinaram muitas mortes nos seringais desde a metade do século XIX até o início do século XX. Naquela época, não havia tratamentos para combater a doença, porém na floresta, sendo de uma riqueza indiscutível, era possível encontrar remédios naturais que ajudavam na cura dos seringueiros, mediante a sabedoria dos povos tradicionais.

O conto Maibi entrelaça os momentos de dor que esses animais da floresta causaram na vida do personagem Sabino e dos seringueiros que viviam nas matas, além disso, os deixavam alucinados levando-os a cometer crimes como fugir do seringal sem pagar o que devia ou matar, para se defender como foi o ocorrido com Maibi, a personagem que era esposa de Sabino. Para Rangel (2001), Sabino queria somente ganhar alguns réis e voltar para seu querido Ceará como relata esse fragmento:

Por isso, em muitas ocasiões, dera ao Sabino o ímpeto de sacudir fora o balde de leite, cruzar os braços na estrada, nela ficando hirto, até a morte sobrevir; outras vezes, pensara em correr os riscos de roubar uma canoa e fugir para Manaus. Chegar de sua terra, no insólito desejo de fortuna, para estabelecer-se um dia no Sitiá, com o campo de panasco e uns novinhos e cabras; e, em troca, ali ficar no estranho deserto alagadiço de um fundão do Amazonas, comido de “praga”, e a cair de sezões! Com a situação, que lhe oferecia, de salvador o seu pobre coração renascia. Haveria de voltar à sua terra, se Deus quisesse! (Rangel, 2001, p.127).

Segundo Reis (1997), quando os seringueiros vinham para os seringais, eles tinham dificuldade para arrumar mulheres, sendo que os casados eram ordenados a deixarem as esposas em Manaus ou no Nordeste, pois trariam despesas extras e o patrão visava apenas à produção da borracha. Assim, a esposa seria mais um complicador para saldar as dívidas do barracão. A família longe também seria um estímulo a mais para o seringueiro trabalhar duro e sonhar com seu retorno, mas muitos nunca retornaram para suas famílias. A maioria dos homens que iam para os seringais eram solteiros e quando andavam pelas colocações não encontravam mulheres com facilidade.

Os seringueiros que traziam suas famílias eram poucos, pois as viagens eram longas e muitos transportes no caminho davam problema, com a recorrência de acidentes. A chegada nos seringais era retratada como com impacto negativo, pois as promessas que lhes eram feitas não correspondia a realidade. As falsas impressões das promessas logo eram percebidas, porém já estavam prisioneiros do comércio escravo.

O conto Maibi retrata a história de Maibi, moça usada como mercadoria, que participa involuntariamente de uma negociação entre os seringueiros Sabino e Sérgio, mediada pelo Tenente Marciano. Um patrão valente, grosseiro que por trás de um bigode, mostrava quem mandava, explorando a floresta, sem querer saber de conservá-la. Assim, ordenava aos seringueiros a eliminar a seringueira de forma que depois seria impossível cortá-la novamente. O coronel não queria saber de conversa, ordenava mão-de-obra, ridicularizava seus empregados com maus tratos em troca das dívidas.

Os armazéns eram os lugares voltados para resolver os acordos com os seringueiros, a partir de conversas para as compras das estivas. Assim, os Arigós

não tinham vez, o que restava era obedecer, mesmo que custasse uma vida miserável. O Sabino foi o personagem desse cenário, que mostrou a tortura de viver no seringal Soledade, para trabalhar na retirada do látex, homem de aparência magra, cheio de arranhões de tiriricas e marcado por feridas de ferradas de mosquito que causavam febres.

Ao entrar nos rios da Amazônia, os seringueiros eram levados nas *chatas*, onde os mesmos eram cercados de grades de madeira com outros seringueiros. O seringueiro Sabino trabalhou durante quatro anos, acumulando dívidas junto ao patrão. Na situação da existência de dívida ao proprietário do seringal, e não havendo saldo para efetuar o pagamento, teria que fazer de outra forma. Assim, o patrão ordenou que sua mulher Maibi fosse entregue a Sérgio, que era um seringueiro com suas contas em dia, e com saldo, como a forma de quitar as dívidas. O seringueiro com a dívida preferiu trabalhar longe de sua amada. Entretanto, o que Sabino precisava era de alguns custeios para embrenhar-se nas matas, com o jabá assado e a farinha, comida típica do seringueiro.

A vestimenta do seringueiro era feita de trapos e uma espécie de chapéu mosquiteiro, quando faltava algum utensílio para a proteção era torturante, ora os insetos que picavam, ora faltavam alimentos. E assim, tinham que procurar na floresta mantimentos que lhes eram escassos.

A lei na floresta existia somente para as grandes autoridades que se reuniam para determinar suas normas, pois faziam de tudo para as notícias não chegarem à rua do Ouvidor, mais precisamente na capital Rio de Janeiro, e com isso não seria preciso averiguar os abusos nos seringais que aconteciam na floresta.

Os acordos eram realizados entre a capital e a floresta na base da distância, principalmente, entre os políticos, governadores, de Manaus, Belém e os seringalistas, donos de várias terras no interior da floresta. O interesse era financeiro, os coronéis queriam ser autoridades e durante o *boom* da borracha, conseguindo manter o domínio por muito tempo sobre os seringueiros.

O seringalista era uma espécie de prefeito do seringal, na qual muitas vezes se tornava deputado, devido aos votos das pessoas estarem localizados na cidade. Os seringueiros foram escravizados nas florestas e somente pensavam em saldo, pois significava sua independência, ou seja, a liberdade ou o sonho de serem homens livres.

Dessa maneira, Sabino e muitos nordestinos tornaram-se escravos de um monopólio sem lei, que mediante algumas lutas com mortes dos seringueiros, conseguiram estabelecer suas leis e torná-los livres, porém muitos tiveram o destino bárbaro, com segredos ocultados na Amazônia. Os mistérios da floresta no período da extração látex comportaram a vida de seringueiros e seringalistas que conviveram juntos e ficaram conhecidos nas memórias da floresta, desconhecida e cheia de perigos e riquezas.

4.2. O papel da mulher no seringal

Os bordéis com mulheres francesas divertiam os grandes coronéis da borracha, mas as suas senhoras de respeito eram guardadas nos palacetes, cercadas de criadas, ou seja, não faltavam mulheres aos coronéis. Enquanto os barões da borracha se deleitavam, por outro lado, os seringueiros passavam uma grande carência de mulheres. Para piorar a situação, os patrões mandavam comprar para

os seringueiros as mulheres que estavam em pior estado ou em situação desumana, como por exemplo, mulheres idosas ou doentes. Diante disso, muitos homens preferiam se relacionar com outros homens, como é mencionado no fragmento de Souza (1994):

A presença feminina no seringal era rara e quase sempre em sua mais lamentável versão. Para os seringueiros isolados na floresta e presos a um trabalho rotineiro, geralmente homens entre vinte e trinta anos, portanto, premiados pelas exigências de seu vigor, a contrapartida feminina chegava sob a forma degradante da prostituição. Mulheres velhas, doentes, em número tão pequeno que mal chegavam para todas os homens, eram comercializadas a preço aviltante. Enquanto o coronel podia contar com as perfumadas cocottes, além de suas esposas, o seringueiro era obrigado a optar pela sexualidade de homens confinados (Souza, 1994, p. 139).

O conto Maibi retrata a questão do papel da mulher na floresta, sendo vistas como produtos para a lucro dos seringalistas, as quais se tornavam empregadas nos barracões dos seringais. Em muitas ocasiões eram obrigadas a prostituição pelo patrão, que as ordenavam a deitassem com os seringueiros. A mulher nesse contexto era submetida a uma violência doméstica, sendo espancada e aguentando calada, em decorrência da regra de proibição de batê-la, senão voltaria para as mãos do coronel, sendo repassada para outro seringueiro, em dia com suas dívidas, como retrata no conto de Maibi. Diante disso visualizamos a questão de que quem tem vantagem leva o melhor e o outro que dava prejuízos perdia os benefícios de ter uma mulher exclusiva para si.

O patrão entregava as poucas mulheres que eram trazidas para o seringal ao seringueiro, que não perdia tempo de cortar a seringa para sair atrás de mulheres em outros povoados. Outro ponto em que as mulheres marcam essa dura exploração como moeda de troca era quando ainda meninas, eram prometidas para os viajantes como um produto sexual, pelas famílias que tinham interesse de ganhar algo em troca, sendo uma espécie de venda. A presença feminina era considerada preciosa, pois quem tinha deveria cuidar para outro não a comprar, como foi o caso de Sérgio, que pegou Maibi sem piedade de Sabino.

Todavia, o brabo Sabino criou sentimentos de ciúmes, pois não conseguia parar de pensar em Maibi, inconsolado com aquela beleza indiscutível que agora estava com Sérgio e ele não poderia tocar mais o seu corpo. A tentativa de se afastar, somente aumentava as lembranças, essa imaginação perturbava o seringueiro que tentava tirar essa mulher da cabeça.

A escassez de mulheres nos seringais era uma realidade constante, sendo que os homens cansados de trabalhar, mereciam se divertir nas festas, que tinham músicas tocadas com gaitas, à noite no salão do barracão. As festas eram alegres e os seringueiros só queriam saber de fumar seus cachimbos, dançar e beber. Dessa maneira, sendo a maioria homens e poucas mulheres, os *brabos* dançavam agarrados uns com outros e, quando tomados pela animação e gargalhadas altas, os fregueses cometiam os crimes passionais, com os outros colegas, ou seja, ocorriam envolvimento, com relações sexuais consensuais ou não, pela decorrência da falta de mulheres.

Diante dessa situação, Sabino não conseguia esquecer Maibi, seu sentimento o deixava sem condições de trabalhar, pois o que adiantou ficar livre da dívida se seu amor estava nos braços de outro e não podia fazer nada. Ele a trocou como se fosse dinheiro, mas esse trato absurdo o fez pensar no erro que cometeu. Dessa

forma, foi preciso matá-la para se conformar e colocar um fim na amargura vivida pela sua perda em troca de saldar uma dívida. Maibi foi peça importante para o desenrolar da narrativa, pois sua vida não teve a menor chance de defesa por causa do sofrimento do seringueiro.

As mulheres das florestas tiveram um papel importante para os seringais, além do convívio sexual com os homens, muitas ajudavam no trabalho da seringa, no cuidado de colher coquinhos para queimar na defumação do látex, nos cuidados com seus acompanhantes, nos perigos que enfrentavam na floresta e nos maus tratos dos patrões. Desse modo, pode-se dizer que essas mulheres apesar de terem sofrido, mostraram a força e a resiliência de sobreviverem a violência sexual e a exploração econômica.

4.3. A metáfora Maibi

A personagem principal foi Maibi, ao chegar com seu marido no seringal do Soledade. A sua beleza encheu os olhos dos seringueiros, pois para eles, as mulheres representam presentes sexuais dados pelos seringalistas. Os seringueiros passavam bastante tempo sozinhos na retirada do leite da seringueira e não tinham tempo para se relacionarem com mulheres. No entanto, isso causou uma cobiça em Sérgio, o seringueiro afamado pelo patrão que comprou Maibi.

O destino de Maibi, ao adentrar na floresta em busca de condições melhores com seu marido, foi frustrado pelo sofrimento na hiléia. Essa cabocla bonita, com qualidades encantadoras da região, foi retratada pelo autor sendo comparada a seres da Amazônia, com qualidades de uma moça sensual, cujos olhos encantavam os homens do Soledade. Ela andava se balançando, rebolava, causava suspiros aos seringueiros isolados nos seringais, sem mulher, que se deparavam com sua beleza. Entretanto, apesar de não ser uma mulher refinada, como as senhoras dos coronéis, gerava ciúmes em seu marido Sabino, o qual procurava conter a imaginação que o irritava.

Maibi representa no conto a metáfora para a Amazônia explorada, que deturpa princípios, valores e a dignidade humana. O marido seringueiro tomado pelo ciúme e pela raiva dessa operação de quitar a sua dívida em troca da esposa, a considerando como moeda de troca, com relação a não dever mais, o débito falou mais alto. A loucura o levou a cometer o crime de acabar com sua vida, por não suportar o sentimento da perda.

Dessa forma, a loucura representou a ganância de homens poderosos que construíram fortuna com a borracha a preço de vidas de pessoas sofridas, que lutaram pela sobrevivência. O que restou a Sabino foi o silêncio, dele e da floresta, suficiente para o arrependimento do Arigó de assassinar sua mulher e a seringueira, que reflete, mas não pode fazer mais nada a não ser aceitar a dor e a angústia.

Para Rangel (2001), depois de algum tempo que Sabino estava cortando seringa em outras colocações, Maibi desaparece, sendo que Marciano e Sérgio desconfiam do seringueiro. O tenente Marciano manda seu empregado Zé magro averiguar o que o inconformado Sabino fez com a mulher. Ao chegar lá, encontra Sabino num

alvoroço, dizendo a Zé Magro que havia uma seringueira fenomenal, que daria para encher até doze baldes de sangue coalhado, que derramavam e parecia com de leite caindo da árvore. No entanto, quando Zé Magro avistou a cena, Maibi encontrava-se crucificada, pregada na seringueira. Diante disso, Sabino ficou louco andando de um lado para outro representando o homem que vingava a tortura de uma indústria que o fatigava.

Dessa maneira, Maibi simbolizou as milhares de seringueiras que foram massacradas pelos seringueiros. Dentre as quais, a maioria era profundamente cortada e depois não serviria mais para as retiradas do látex. O sangue de Maibi branco pode ser comparado ao leite que se transforma da seringueira, escorrendo do corpo de Maibi, imagem que representa a violência e a ambição da exploração da borracha.

Lima (2009) retrata essa metáfora com clareza sobre a mulher e a seringueira, ao perceber que os significados da árvore e da mulher contem similaridades em vários aspectos. O nono conto analisa a questão da exploração da mulher no seringal, como vítimas de abusos dos seringalistas, bem como, do oprimido Sabino que ao se casar com Maibi, veio tentar riquezas, mas se deparou com patrões capazes de fazer de tudo em busca da fortuna que a borracha proporcionou durante todo o período de sua expansão, que trouxe tanto benefícios quanto padecimentos.

5. DISCUSSÕES

A obra *Inferno Verde*, cenas e cenários da Amazônia revela-se cheia de mistérios, a pesquisa desvendou o universo das pessoas que vivenciaram o período de ouro da borracha. Manaus, durante o auge do ciclo da borracha, tornou-se uma cidade com obras europeias devido aos grandes lugares construídos com as fortunas da goma elástica, como por exemplo, o Teatro Amazonas, para realização de grandes festas à noite para a elite.

A vida dos nordestinos foi retratada a partir da fuga por causa de uma seca miserável, que vieram para a Amazônia em busca de sonhos que foram interrompidos por patrões repulsivos. Os fatos históricos serviram como fonte para discutir as fronteiras entre a história oficial e a ficção da época de ouro da borracha, observando vestígios de realidades e memórias diluídas no texto ficcional literário. Essa literatura trouxe uma visão de depoimentos de seringueiros e mulheres, que viveram nesse cenário exuberante, mas que se transformou no inferno como retratado no conto Maibi.

Diante disso, a pesquisa analisou a questão de indivíduos que foram rebaixados a sua condição humana, por exploradores em prol de acúmulo de riquezas. As vantagens eram somente para os empregadores, sendo que aos empregados somente restavam o martírio do trabalho escravo. A floresta continha armadilhas naturais que maltratavam aqueles que tentaram desvendá-la, acabando por viver no *Inferno Verde*, como era denominada a Amazônia.

O *Inferno Verde* tem relação com a história de Souto, o engenheiro recém formado, que progrediu a partir da ganância da exploração da Amazônia. A febre e as doenças o venceram quando entrou nas matas sem avaliar o quanto a Amazônia

esconde segredos que a ciência ainda não conseguiu descobrir em sua plenitude. Diante dessa questão, a história de Souto revela o porquê de a obra foi denominada de Inferno Verde.

Os resultados deste estudo mostraram que os problemas e os objetivos propostos pela pesquisa foram atingidos, mediante as análises de memórias literárias contextualizadas na história oficial. Outro fator relevante observado foi a linguagem amazônica apresentada na obra, que retrata a realidade dos seringueiros, com origem de famílias do Ceará, com sua linguagem peculiar, que se confrontou com um vocabulário local diferente, surgindo assim uma nova variação linguística.

Os mistérios relatados na obra relatam sobre o leite retirado da árvore da seringa, à imensidão da floresta, às características dos nativos da região e às doenças desconhecidas, que causavam mortes aos aventureiros da floresta. Diante disso, a metáfora que dá nome ao livro é confirmada pelo sofrimento de todas as pessoas que viveram na floresta, que conheceram o sofrimento, desde as doenças, perpassando pelas péssimas condições de moradia, o perigo dos animais, os maus tratos recebidos pelos patrões e a disputa pela própria sobrevivência.

Dessa maneira, foi observado que as explorações realizadas contra os seringueiros ficaram encobertas, ou descartadas, no contexto histórico da borracha, na qual somente os vencedores, ou classe elitizada, constam na história oficial. Assim, o texto literário pode ser utilizado como testemunho histórico de um povo silenciado e sofrido em dado período da sociedade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A simbologia que retrata Maibi referiu-se às seringueiras que foram mutiladas pela vingança dos seringueiros, os quais foram massacrados, da mesma forma que as árvores seringueiras. Também foi observada a cobiça de brasileiros e de estrangeiros, que se colocaram em risco, assim como a riqueza da floresta.

Diante disso, é de suma importância para os estudos amazônicos sejam mais discutidos, colocando em evidência os conflitos da borracha, que constituem um dos elementos da base formadora da sociedade amazônica. As memórias registradas narram e revelam vidas e segredos ocultos na imensidão verde da floresta. Os mistérios do seringal esconderam durante a época de ouro da borracha o grande sofrimento da massa que foi sacrificada em prol do luxo para poucos. A grande Manaus tornou-se uma cidade desenvolvida e inspirada nos padrões europeus, financiada pela riqueza da borracha, sendo denominada “a Paris dos trópicos”.

Diante disso, pode-se dizer que a ficção permitiu a recuperação de culturas, memórias e lembranças de histórias perdidas que aconteceram no espaço amazônico. As cenas do conto selecionado como corpus de estudo, retratam depoimentos que a história oficial descartou. Diante disso, o conto Maibi possibilitou a descoberta e o encantamento, pelos rios e beiradões amazônicos, de histórias ricas em detalhes que ficaram na memória de pessoas que desbravaram o solo amazônico. Portanto, esses estudos analisaram e retrataram os conflitos da

borracha, pois constituem um dos elementos da base formadora da sociedade da Amazônia. Sendo que, as memórias registradas narram e revelam vidas e segredos na imensidão verde da floresta amazônica.

REFERÊNCIAS

- CHALHOUB, Sidney Pereira; MIRANDA, Leornado Affonso de (Org.). **A história contada**: capítulo de História Social da Literatura. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1999.
- CUNHA, Euclides da. Preâmbulo. In: RANGEL, Alberto. **Inferno Verde**. 5ª. Ed. Manaus: Valer, 2001.
- KRÜGER, Marcos Frederico. Grande Amazônia: veredas. In: RANGEL, Alberto. **Inferno Verde**. 5ª. ed. Manaus: Valer, 2001.
- LIMA, Lucilene Gomes. **Ficções do ciclo da borracha**: A Selva, Beiradão e O amante das amazonas. Manaus: Edua, 2009.
- HOBSBAWM, Eric. **A história de baixo para cima**. In: Sobre história. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- RANGEL, Alberto. **Inferno Verde**. Organização Tenório Telles e estudo crítico por Marcos Frederico Kruger. 5ª ed. revista. Manaus: Editora Valer/ Governo do Estado do Amazonas, 2001.
- REIS, Artur C. Ferreira. **O Seringal e o Seringueiro**. Manaus: Ed. Universidade do Amazonas, 1997.
- SOUZA, Márcio. **Breve história da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- SHARPE, Jim. A História vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). A escrita da história. **Novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.